

ELEMENTOS DIALÉTICOS EM SAUSSURE

Pedro Tarozzo Tinoco Cabral Lima¹

RESUMO: O presente trabalho procura destacar uma abordagem inusual da obra de Ferdinand de Saussure, perscrutando o quanto a teoria assente no seu *Curso de Linguística Geral* pode ter sido influenciada pelos *Diálogos* de Platão, notadamente, pela negatividade assente do diálogo *Sofista*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Dialética. Negatividade.

DIALECTICAL ELEMENTS IN SAUSSURE

ABSTRACT: The present work seeks to highlight an unusual approach to the work of Ferdinand de Saussure, examining how much the theory based on his General Linguistics Course may have been influenced by Plato's Dialogues, notably, by the negativity based on the Sophist dialogue.

KEYWORDS: Linguistics. Dialectic. Negativity.

INTRODUÇÃO

É interessante perceber que, desde um momento inicial de estudos da linguística, emergem referências aos *Diálogos* de Platão. Percebe-se, nesse sentido, que muitos autores mencionam o diálogo *Crátilo*, de Platão², como

¹ Mestrando em Filosofia (Unicamp), Especialista em Direito do Trabalho (USP), Bacharel em Direito (USP), Graduando em Letras (USP). E-mail: pedrottcl@gmail.com

² PLATÃO. *Diálogos VI: Crátilo (ou Da correção dos nomes); Cármides (ou Da moderação); Laques (ou Da coragem); Ion (ou Da Iliada); Menexemo (ou Oração fúnebre)*; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2016. (Clássicos Edipro).

um dos textos fundamentais acerca do tema da linguagem, especialmente em função da abordagem da ideia (*ἰδέα*) de linguagem e sua realização sensível, “entre o conceito e a palavra”, ou entre “significante e significado”, como estabelecem, por exemplo, Petter³ e Fiorin⁴:

Os gregos preocuparam-se, principalmente, em definir as relações entre o conceito e a palavra que o designa, ou seja, tentavam responder à pergunta: haverá uma relação necessária entre a palavra e o seu significado? Platão discute muito bem essa questão no *Crátilo*. (Petter.)

Desde a Antiguidade especula-se sobre a relação existente entre o significado e o significante. No *Crátilo*, de Platão, discute-se a respeito dela. Crátilo diz que o significante é unido ao significado por *physei* (por natureza). Hermógenes afirma que essa relação é por *thései* (por convenção). Sócrates inclina-se a reconhecer que a relação entre o significante e o significado feita por semelhança é superior àquela feita arbitrariamente, mas que, em geral, essa relação é feita por convenção. (Fiorin.)

Assim, em uma primeira leitura dos linguistas, poder-se-ia imaginar que essa temática platônica – ou seja, a da busca pela *ideia* (*ἰδέα*) das coisas, em especial, pela ideia de linguagem assente no *Crátilo* – se refletiria em toda a obra do grande “pai” da linguística, qual seja, o *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure (doravante apenas CLG)⁵, em busca da definição, ou atingimento do conceito, da ideia de linguagem.

³ PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. p. 12.

⁴ FIORIN, José Luiz. *Teoria dos signos*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. p. 60.

⁵ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*; organizado por Charles bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

Ora, de certo que o objeto da linguística perpassa a busca da ideia da linguagem, contudo, essa aproximação dialético-linguística não se restringe àquele diálogo que trata mais diretamente da linguagem, uma vez que o tema da linguagem não é simplesmente transposto da discussão entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo para as aulas do professor genebrino, ou melhor, não há um reflexo exato entre a *Teoria das ideias* e a *Teoria dos signos*.

Defende-se, neste pequeno trabalho, que há certa *negatividade* latente no CLG que impossibilita trazer apenas esse diálogo (*Crátilo*) para dentro do pensamento saussuriano. A negatividade, como se verá, fundamenta toda a teoria saussuriana, ganhando especial destaque na *alteridade* decorrente da *Teoria do valor* de Saussure.

A negatividade, porém, é amplamente abarcada em outro diálogo que não o *Crátilo*, qual seja, o *Sofista*⁶, no qual o personagem o Estrangeiro de Eleia inaugura o caminho proibido do *não-ser*, tal como recorta Neves: “Entre os gêneros do ser tem de ser admitido o não ser, pois, em todos os gêneros, a natureza do outro faz cada um deles outro que não o ser e, por isso mesmo, não ser (256e).”⁷ Intimamente vinculado à tradição dialética, o *não-ser* consubstancia uma peça-chave no diálogo o *Sofista*, e em toda a *léxis* dos *Diálogos*, mas também no CLG. Nota-se, desse modo, que o grande nome do estruturalismo é muito mais *dialético* do que se poderia imaginar.

Assim, aprofundando essa linha de raciocínio, neste pequeno trabalho, será abordado o fenômeno linguístico da *alteridade*, assente na *Teoria do Valor* em Saussure, a partir do viés filosófico do platonismo. O objetivo é

⁶ PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do conhecimento), Sofista (ou Do ser), Protágoras (ou Sofistas)*; tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Baurur/SP: EDIPRO, 2007. (Clássicos Edipro).

⁷ NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2.ed. rev. e atual. – São Paulo: Editora Unesp, 2005. [livro eletrônico].

averiguar o quanto que a teoria saussuriana que envolve o fenômeno da linguagem pode ter sido influenciada pelos *Diálogos* platônicos.

DISCUSSÃO

O eminente linguista francês, Oswald Ducrot⁸, talvez tenha sido um dos primeiros a relacionar Saussure ao diálogo *Sofista* de Platão, conforme podemos ver em Rocha⁹ e em Barbisan¹⁰:

No “Prefácio” ao livro de Carlos Vogt, intitulado *O intervalo semântico* (2009), Ducrot afirma que, no capítulo sobre o *valor*, Saussure aplica às palavras da língua o que Platão disse sobre as Ideias. Profundo conhecedor da filosofia clássica, Ducrot reconhece que a teoria saussuriana do *valor* está fundamentada filosoficamente na teoria da *alteridade* concebida por Platão e apresentada no diálogo *Sofista*: “a oposição, para Saussure, é constitutiva do signo da mesma forma que a alteridade é, para Platão, constitutiva das ideias” (DUCROT, 2009, p. 10-11). (Rocha.)

Na noção de valor, explicada por Saussure no capítulo IV da segunda parte do *Curso de Linguística Geral*, Ducrot encontrou a alteridade, criada por Platão em seu diálogo *O Sofista*. (Barbisan.)

De fato, Ducrot parece estar coberto de razão ao realizar essa aproximação, uma vez que a noção de *alteridade* no CLG está repleta

⁸ Infelizmente, é preciso dizer que, em função da pandemia da Covid-19, e do consequente fechamento das bibliotecas públicas, não tivemos acesso a textos de Oswald Ducrot, mas tão somente a artigos de seus comentadores.

⁹ ROCHA, Thomas. *Saussure: leitor de Platão*. In: *Letrônica*, v. 9, 2016. p. s127.

¹⁰ BARBISAN, Leci Borges. *A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot*. In: *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 21, n. 34, 2014. p. 106.

de negatividade (de *não-ser*, de relação com “o Outro”, de alteridade), encontrando respaldo na máxima de Saussure de que “na língua só existem diferenças”¹¹, diferenças, essas, que se estabelecem a partir de um prisma relacional, uma ideia que se define por aquilo que ela não-é.

Debruçando-se sobre o capítulo d’*O valor linguístico*, do CLG, podemos perceber que a noção de *valor* serve para distinguir duas ideias (dirá Saussure que “Filósofos e linguistas sempre concordam em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante”¹²). Surgiria, assim, arbitrariamente e no seio social, uma forma que advém da relação entre pensamento e som, um intermediário, que serve para comunicar, para expressar ideias distinguindo-as umas das outras por meio de sons correspondentes: “contraparte dos outros signos da língua”¹³, um signo é o que o outro não-é.

O valor da unidade linguística, nessa acepção, possui *movimento*, ou seja, interage com outras ideias e com outros valores, em um aspecto negativo e relacional. Lembra-se, para fins didáticos, a partir das passagens do CLG, os conceitos marxistas de *valor de uso* e *valor de troca*, os quais também representam perspectivas diferentes de “valor” para um mesmo objeto, o qual pode se relacionar com outros elementos do mundo material negativamente, isto é, ganhando especificações que lhe são próprias em função da relação social a ele aplicável. Será a realidade social que determinará em Marx, em Saussure e no *Sofista*, digamos assim, o valor do valor (Saussure: “o valor

¹¹ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*; organizado por Charles bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006. p. 139.

¹² SAUSSURE. Ob. cit. p. 130.

¹³ Idem. p. 133.

de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia”¹⁴). A solidariedade de falantes, no exemplo de Saussure, determinará que um “pão” se diferencia da ideia de uma “broa”, ao mesmo tempo em que se relaciona e pode ser expresso em outras palavras, por exemplo, o “elemento comestível, feito de farinha, que vai ao forno e não-é broa”, inclusive, que, naquela comunidade, “vale” uma moeda de um franco, ou de um dólar, ou mesmo que pode ser trocado por um litro de leite ou, ainda, por um dia de trabalho... múltiplas determinações negativas que ganham vida em determinada comunidade de pessoas ou, diria Marx, em determinado modo de produção:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.¹⁵

Como visto, Saussure adota a negatividade no seu CLG, aproximando-se do diálogo *Sofista*. Mas o que representa essa aproximação?

Benoit nos ensina que, nos *Diálogos* platônicos, há uma *léxis* (ou “a ação de dizer, ou ainda o modo de exposição que está objetiva e literalmente posto pelo autor no próprio texto”¹⁶). Em função disso, da existência desse modo de exposição ordenado nos *Diálogos*, é possível acompanhar o desenvolvimento da própria *dialética* a partir das aventuras e desventuras de seu protagonista, Sócrates. E essa linha de evolução dá conotações muito particulares a cada um dos *Diálogos* em função do seu momento particular

¹⁴ Ibidem. p. 135.

¹⁵ Ibidem. p. 136.

¹⁶ BENOIT, Hector. *Platão e as temporalidades: a questão metodológica*. São Paulo: Annablume, 2015.

na *léxis*, correspondendo, por certo, a uma mudança na análise da teoria daqueles que se apropriam dos *Diálogos*, tal como Saussure.

No interior da *léxis* dos *Diálogos*, o diálogo *Crátilo* será aquele exatamente depois do diálogo *Eutífron*¹⁷ e exatamente antes do diálogo *Sofista*¹⁸. Ou seja, no *Crátilo*, a dialética socrática ainda não terá encontrado o caminho proibido do não-ser, não terá tido a possibilidade de romper com os ensinamentos de Parmênides, filósofo que advoga a favor da não-contradição (o Ser, para Parmênides, tão somente é). Nota-se que, no *Crátilo*, Sócrates será inspirado por uma filosofia questionável, qual seja, aquela do adivinho Eutífron, aquele com quem conversou no *Diálogo* imediatamente anterior na *léxis*. Do mesmo modo, sem adentrar a negatividade aprendida no *Sofista*, as conclusões de Sócrates no *Crátilo* serão questionáveis: Crátilo não sairá convencido ao fim do *Diálogo* (“posso assegurar-te, Sócrates, que já sondei essa matéria e depois de laborioso exame concluo que é muito mais provável a verdade estar com a doutrina de Heráclito” – 440d).

Por outro lado, no *Sofista*, em momento posterior da *léxis*, Sócrates aprenderá com o personagem Estrangeiro de Eleia a negatividade do não-ser, indo até as últimas consequências para “caçar” o sofista. Será a partir de diferenciações, ou seja de aplicação do não-ser, que a metodologia do Estrangeiro de Eleia chegará ao conceito de “sofista”, isto é, comparando-o

¹⁷ “Neste dia de 399 a.C, Sócrates está com o dia bastante cheio: após passar uma parte da manhã conversando com Teeteto e haver ido, depois, ao Pórtico do rei, quando teve essa conversa com Eutífron, após tudo isso, Sócrates encontra-se, ainda na mesma jornada, provavelmente à tarde, com Hermógenes e Crátilo (*Crátilo*, 396d).” cf. BENOT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017. p. 253.

¹⁸ “O diálogo *Sofista* começa com Teodoro dizendo: ‘fiéis ao combinado ontem, Sócrates, aqui estamos, e em nossa companhia trouxemos um estrangeiro, nascido em Eléia, companheiro dos discípulos de Parmênides e Zenão, trata-se de um verdadeiro filósofo’ (216a). Teodoro se refere ao encontro marcado no final do diálogo Teeteto. Como vimos, lá Sócrates se retira, para ir ao Pórtico do Rei, e prometera voltar no dia seguinte para continuar a conversa. Como também vimos, na saída do fórum, encontrou-se com Eutífron e depois, durante a tarde, com Hermógenes e Crátilo.” BENOT. Ob. cit. p. 271.

diferencialmente com outros elementos sociais que o Estrangeiro atingirá o conceito de sofista, o qual, ao fim do percurso negativo, será inserido na categoria dos imitadores dos sábios:

Estrangeiro: O tipo imitativo da parte dissimuladora da arte da opinião, que constitui parte da arte da contradição e pertence ao gênero imaginativo da arte de produção de cópias, que não é divina, mas humana, e que foi definida por força de argumentos como parte de prestidigitação da atividade produtiva. Aquele que disser que o sofista pertence a essa raça e família estará, a meu ver, dizendo completa verdade (268d).

A *Teoria das ideias* passa, assim, a abarcar a *negatividade*, saindo da mera abstração assente nos *Diálogos* anteriores ao *Sofista* (tal como o *Crátilo*) em busca da realização possível do conceito no interior de determinada comunidade. No caso, o conceito de “sofista” será factível e determinável socialmente. Somente pela diferenciação negativa será possível “capturá-lo”. Para tanto, o perscrutador precisará sujar as mãos, averiguar o não-ser e a realização material do objeto de estudo. Parece que é exatamente isso que encontramos no CLG. A análise sincrônica, por exemplo, que tanto distingue a teoria de Saussure dos demais estudiosos da linguagem até então, afirma-se em uma análise negativa partindo da alteridade e eleva o patamar do pensamento desse grande linguista – que talvez tenha, como Sócrates, aprendido com o Estrangeiro de Eleia – a ponto de seus intérpretes enxergarem na diferenciação negativa a grande contribuição do professor genebrino para a linguística¹⁹:

¹⁹ DOSSE, François. *História do estruturalismo*; tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 84. (Trechos entre aspas se referem a entrevista de Claudine Normand com o autor, François Dosse, cf. notas 8 e 9, na mesma página.)

Claudine Normand, professora de linguística em Paris-X, adepta da linguística a partir do corte saussuriano, vê realmente um corte, mas não onde ele se encontra habitualmente: “É difícil situá-lo: o discurso saussuriano é muito confuso, uma vez que é fruto da discussão positivista do seu tempo”. A contribuição essencial de Saussure não seria a descoberta do arbitrário do signo, do qual todos os linguistas já estavam convencidos ao final do século 19. Todos os trabalhos comparatistas já tinham adotado o ponto de vista convencionalista e rejeitado o modelo naturalista. Entretanto, “ele fez outra coisa: vinculou-o ao princípio semiológico, ou seja, à teoria do valor, o que lhe permite dizer que na língua há apenas diferenças sem signo opositivo.” A ruptura situar-se-ia, portanto, essencialmente, no plano da definição de uma teoria do valor, nos princípios de generalidade de descrição, na abstração da postura.

CONCLUSÃO

Nota-se, desse modo, acompanhando o percurso da *léxis* dos *Diálogos*, que a *Teoria das ideias* não é a mesma antes e depois de o *Sofista*. Há uma clara intenção do autor dos *Diálogos*, Platão, de sair do mundo puramente abstrato, das ideias, em prol da investigação realizável dos conceitos, sua experiência concreta. Difícil de ser apreendido, esse intercâmbio entre o sensível e o inteligível será estudado por Saussure no campo da linguagem. Para tanto, influenciado pelo *Sofista* – tal como aponta Ducrot, dentre outros –, o professor genebrino fundará seu conceito de *alteridade*, passível de atribuir um *valor* diferencial, ou negativo, à unidade linguística, o que acaba dando uma nova conotação à *Teoria dos signos*, a qual também ganha em movimento, em devir negativo. Justamente, dar o aspecto negativo talvez tenha sido a grande contribuição linguística (e filosófica) de Saussure para o estudo do fenômeno da linguagem.

REFERÊNCIAS

- BARBISAN, Leci Borges. *A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot*. In: Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 21, n. 34, 2014.
- BENOIT, Hector. *Platão e as temporalidades: a questão metodológica*. São Paulo: Annablume, 2015.
- BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*; tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Teoria dos signos*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. pp. 55-74.
- NEVES, Maria Helena de Moura *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005. [livro eletrônico].
- PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. pp. 11-24.
- PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do conhecimento), Sofista (ou Do ser), Protagoras (ou Sofistas)*; tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru/SP: EDIPRO, 2007. (Clássicos Edipro).
- PLATÃO. *Diálogos VI: Crátilo (ou Da correção dos nomes); Cármides (ou Da moderação); Laques (ou Da coragem); Ion (ou Da Ilíada); Menexemo (ou Oração fúnebre)*; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2016. (Clássicos Edipro).
- ROCHA, Thomas. *Saussure: leitor de Platão*. In: Letrônica, v. 9, p. s126-s143, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*; organizado por Charles bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.